

**HEBERT HIROSHI SATO**  
**(hebert\_sato@yahoo.com.br)**

**PENSANDO A RELAÇÃO HOMEM-NATUREZA A PARTIR DO  
MONTANHISMO**  
**Um estudo de caso no Morro Anhangava - PR**

Monografia apresentada ao curso de pós graduação em Educação, Sociedade e Tecnologia da Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR, como requisito para a obtenção ao Título de Especialista

Orientador: Ivo Pereira de Queiroz  
Co-orientador: Edson Struminski

**CURITIBA**  
**2006**

**HEBERT HIROSHI SATO**

**PENSANDO A RELAÇÃO HOMEM-NATUREZA A PARTIR DO  
MONTANHISMO**

**Um estudo de caso no Morro Anhangava - PR**

Monografia apresentada ao curso de pós graduação em Educação, Sociedade e Tecnologia da Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR, como requisito para a obtenção ao Título de Especialista

COMISSÃO AVALIADORA:

---

Prof.:  
Instituição:

---

Prof.:  
Instituição:

Curitiba, \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2006.

Dedico a minha família, minha noiva,  
meus amigos e às montanhas,  
ambientes que materializam  
minha religiosidade.

## **AGRADECIMENTOS**

Aos professores Ivo e Edson (Du bois) que auxiliaram nesta minha nova jornada pelo conhecimento.

À Roberta Nunes, Diego, Edson (Du bois), Ceusnei, Hugo (Camuza), Cláudio Newton, Guilherme (Manguabinha) e César Lineu, pela paciência, dedicação e companheirismo durante as entrevistas.

Ao Caius, que no início foi o corretor gramatical e técnico do projeto.

Ao Alexandre (Sassá) por me auxiliar nas fotos.

Ao meu pai Hiroshi, a minha mãe Teresinha e aos meus irmãos: Charlene, Charyane e Henry que me motivaram e muito me auxiliaram para a conclusão desta monografia.

Aos meus amigos e colegas, pela força, motivação e apoio na realização deste trabalho

A todos que com boa intenção colaboraram para a realização deste trabalho.

E especialmente a minha noiva Letícia, pela dedicação com que se dispôs a me auxiliar nas correções, orientações e incentivo.

## RESUMO

O cartesianismo transformou radicalmente a relação do homem com a natureza e do homem com a sociedade. Como consequência do desenvolvimento da técnica, o homem afastou-se da natureza, tomando-a como um objeto a ser dominado. Mas o homem retorna à natureza, aqui no caso às montanhas, visando resgatar um prazer “perdido”; entretanto, acaba desenvolvendo ainda uma relação de domínio na figura do “desempenho”. Sendo que, através disso, acaba se alienando do que faz e do que é. Veremos neste trabalho, de que forma estas questões se refletem na história da relação do homem com as montanhas em geral e especificamente com o Morro Anhangava situado na região metropolitana de Curitiba-Pr.

Palavras chave: Montanhismo. Alpinismo. Marcuse. Mecanicismo.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Acesso à Serra da Baitaca _____	45
Morro Anhangava (Quatro Barras) _____	46
Primeiras rotas (vias) conquistadas realizadas no Morro Anhangava _____	47
Entaladores e <i>friends</i> _____	48
Tipos de escaladas realizadas no Anhangava _____	49
Tipos de Grampeação _____	50

## SUMÁRIO

RESUMO _____	5
LISTA DE ILUSTRAÇÕES _____	6
1. INTRODUÇÃO _____	8
2. CAPITULO I _____	10
2.1 Modernidade e relação do homem com a natureza _____	10
2.2 Da alienação à felicidade _____	14
3. CAPITULO II _____	18
3.1 O homem e as montanhas. _____	18
3.2 O homem e as montanhas paranaenses _____	22
3.3 Serra da Baitaca _____	23
3.4 Anhangava _____	23
3.5 Anhangava e a escalada _____	26
3.6 Revelando os informantes _____	27
3.7 O início _____	28
3.8 Montanhismo ou “escalada” - as “especializações” _____	29
3.9 Do desempenho à “transcendência” _____	35
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS _____	37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS _____	41
ANEXOS _____	45
Anexo 1: Acesso à Serra da Baitaca _____	45
Anexo 2: Morro Anhangava (Quatro Barras) _____	46
Anexo 3: Fotos das primeiras rotas (vias) conquistadas realizadas no Morro Anhangava _____	47
Anexo 4: Entaladores e <i>friends</i> _____	48
Anexo 5 : Tipos de escaladas realizadas no Anhangava _____	49
Anexo 6: Tipos de Grampeação _____	50

## 1. INTRODUÇÃO

Começamos este trabalho com a seguinte pergunta: qual a afinidade do homem com a “natureza”? Para respondermos tal questão é necessário, antes, definirmos de forma mais rigorosa o próprio significado do termo “natureza”.

Como afirma Roué (1997, p.192) ao analisarmos o termo ‘natureza’, percebemos que ele não pode ser tomado como algo “natural”, dado. A “natureza” é habitada, pensada, transformada e até mesmo reestruturada pelo homem – desta forma, devemos pensar nela como uma construção social.

Cabe então, aqui, outra pergunta: qual a concepção de natureza que nós, ocidentais, temos? De modo geral, a natureza para nós é definida pela expressão “meio ambiente”. Em sua etimologia, esta expressão trás uma visão de mundo herdada da era Cristã e desenvolvida por Descartes na qual o homem é um ser separado do “meio ambiente”. Ele é o centro do universo e age sobre o mundo ao seu redor. Em suma, “meio ambiente” refere-se a tudo o que circunda o homem. (ROUÉ, 1997, p. 193).

Será visto, no **CAPÍTULO I**, as origens desta concepção e suas implicações na forma como o homem moderno/ocidental se relaciona com o mundo natural. Observar-se-á que, com o passar do tempo a ciência passa a ter um papel importante na sociedade principalmente por conta de suas aplicações tecnológicas. Como decorrência disto, o homem passa a interferir mais diretamente na natureza. Tal intervenção não se concentrou apenas no mundo natural mas também extrapolou para as relações sociais na medida em que a dominação da natureza acabou implicando na dominação do homem sobre o homem.

Podemos perceber que na sociedade atual a dominação é inerente ao modo de produção e permeia as relações de trabalho. O autor HERBERT MARCUSE analisa como o trabalho torna-se mecânico e ao mesmo tempo alienante. Marcuse percebe que, por mais que a sociedade contemporânea tenha atingido um nível incomparável de desenvolvimento material (o que produz um sentimento de felicidade), ela gera efeitos perversos, tais como redução da auto – determinação, embotamento do pensamento e criação de falsas necessidades. Entretanto o autor é otimista e discute de que forma o homem pode transcender esta situação (CAMPOS, 2004, p.15).



No **CAPÍTULO II**, aborda-se-á como o homem ‘dominou’ a natureza e os locais mais longínquos como as montanhas. As montanhas são ecossistemas frágeis e vulneráveis. Abrigam em suas encostas uma variedade de recursos naturais devido as suas dimensões verticais, gradientes de temperatura, precipitação pluviométrica e insolação. Tem grande importância para a humanidade pois cerca de 80% da água doce existente na superfície do planeta é proveniente destes ecossistemas. Além de servir como fonte de energia, moradia, diversidade biológica e de lazer.

A montanha é um bem natural mas também através dela é possível compreender a origem do homem. Usando como estudo de caso o Morro Anhangava, será analisado de que forma a idéia de domínio se reflete na relação dos frequentadores deste ambiente – os montanhistas. Esta relação de domínio se constitui, entre outras formas, como controle do ambiente hostil que ela representa, como caminho para um controle emocional ou como ‘fuga’ de uma sociedade repressora.

Para que as relações de domínio se concretizem é necessário um trabalho que irá ocorrer da seguinte forma: subir rotas cada vez mais difíceis; conquistar novas rotas; subir mais rápido ou com menos condições (alimento, água); dentre outras. Este trabalho cria no homem uma necessidade inexistente e alienante de *desempenhar* cada vez melhor estas atividades, pois como analisa Campos (2004), ‘necessidade importante é água comida e teto’.

Esta necessidade alienante, para Marcuse, pode gerar a felicidade - isto é, trabalhar pela busca do desempenho faz com que o homem chegue em um ponto em que trabalho se torna mecânico. A partir deste momento sobra tempo para que o homem pense nos “por quês” de sua atividade e questione-se. Assim, preocupa-se em sentir mais do que apenas ter uma maior graduação, saindo da roda das necessidades in-existentes pois, o que passa a importar é estar na montanha – *ser o montanhista*.

## 2. CAPITULO I

### 2.1 Modernidade e relação do homem com a natureza

Para que se possa compreender as conseqüências e implicações da visão de mundo citada, é necessário retroceder até o momento da transição do mundo medieval ao mundo moderno, o qual Grün (2003) afirma estar contagiado pelo humanismo.

No século XVIII, Tomás de Aquino estabeleceu a estrutura conceitual que foi irrevogável durante toda a Idade Média: a razão e a fé que teriam por objetivo apenas compreender o significado das coisas e não exercer a predição ou o controle (CAPRA, 1984, p. 49).

O Humanismo é um movimento de insatisfação com as leis predominantes na época. Neste momento inicia-se a ruptura com a Idade Média, o surgimento do Renascimento e a conseqüente valorização do indivíduo. Neste período as obras artísticas começam a receber a assinatura do seu criador e o homem se propõe reorganizar o mundo. Esta capacidade de organização e intervenção no mundo é reforçada pelas relações de mercado. Neste momento os comerciantes começam a vender a prazo cobrando juros. E ao venderem a prazo estavam *“vendendo o tempo”*. (GRÜN, 2003, p. 24) Neste momento iniciava-se a quantificação do tempo moderno e a comercialização do meio ambiente. Como afirma Grün (2003, p. 25) *“o tempo da natureza passa a ser o tempo da racionalidade humana - tempo é dinheiro”*.

A mudança na lógica temporal cria uma nova ética onde o homem reinaria em absoluto e consolida aquilo a que chamamos de ‘paradigma mecanicista’. O homem adquire a capacidade de interferir na natureza e inicia o seu distanciamento. Abandona a concepção oriunda da Idade Média por influência de Galileu e outros, que postulam um embasamento matemático aos cientistas (GRÜN, 2003, p. 27).

Com esta nova concepção emergente, o homem abandona as qualidades do objeto e passa a descrevê-lo baseado em conceitos matemáticos (GRÜN, 2003, p. 29). A seguinte citação de Chassot (1994, p. 102), reflete o espírito de Galileu sobre o conceito emergente:

(...) não é concebível que Deus parasse a esfera do sol deixando em movimento todas as outras esferas, porque, assim fazendo, teria perturbado, sem nenhuma necessidade, toda a ordem da natureza. Menos concebível ainda é que Ele parasse todo o sistema de esferas (...)a qual só pode ser corretamente entendida e interpretada se for **estudada com os novíssimos métodos objetivos** [sem destaque do original].

Enquanto Galileu, na Itália, criava novos métodos objetivos a partir de experimentos, Francis Bacon, na Inglaterra, descrevia explicitamente o método empírico da ciência, sendo o primeiro a teorizar o procedimento indutivo, realizar experimentos e concluir a partir do realizado (CAPRA,1984,p.51). Ele é considerado um dos criadores da ciência experimental e do método científico moderno (CHASSOT,1994, p.105).

Assim, os conceitos sobre o mundo existente na época média, iniciam o seu declínio a partir das idéias de Galileu e são completamente transformados nos escritos de Bacon. Entretanto, tal linha de pensamento só foi completada a partir de duas grandes figuras - René Descartes e Isaac Newton (CAPRA,1984, p. 52).

O filósofo francês René Descartes (1596-1656), um dos intelectuais que mais influenciou o pensamento ocidental, escreveu a proposição: "*Cogito, ergo sum*" (*penso, logo existo*) que descreve o pensamento científico. Partindo da dúvida metódica, justifica a razão através de idéias claras (ALMEIDA,s/d). Descartes também afirma que: "*Toda ciência é conhecimento certo e evidente. (...) rejeitamos todo o conhecimento que é meramente provável e consideramos que só se deve acreditar naquelas coisas que são perfeitamente conhecidas e sobre as quais não pode haver dúvidas*" (CAPRA,1984,p.53). A partir desse momento, como afirma GRÜN (2003,p.35), "*a razão é autônoma, a natureza não pode sê-lo, então a natureza precisa ser dominada*".

Para atingir tal proposição, Descartes deduziu três condições básicas de raciocínio:

- 1) dar a todas as ciências o mesmo método, baseado em um rigor matemático;
  - 2) partir do mesmo princípio para qualquer coisa a ser estudada;
  - 3) o raciocínio deve ter o mesmo fundamento, sendo Deus a única verdade absoluta, a verdade do conhecimento.
- (ALMEIDA, s/d).

Só a partir destes princípios as ciências poderiam ser unificadas e a matemática deveria, portanto, servir a todas as ciências. Temos, assim, as diversas ciências da época concebidas como os diferentes ramos de uma mesma árvore, ligadas a um tronco comum e alimentadas pelas mesmas raízes - a razão (ALMEIDA, s/d).

Esta objetivação da natureza implicou simultaneamente dominá-la e conseqüentemente nos afastou da natureza, como afirma Grün (2003, p. 35)

Isaac Newton (1642-1727), uma das maiores figuras da história da ciência, nasceu precisamente no ano em que Galileu morreu. Ao publicar o seu livro, "*Princípios Matemáticos de Filosofia da Natureza*", foi responsável pela grande síntese mecanicista. Este livro tornou-se numa espécie de Bíblia da ciência moderna. Completou o trabalho de seus antecessores e unificou as anteriores descobertas sob uma única teoria que serviu de explicação a todos os fenômenos físicos, quer ocorressem na Terra ou nos céus (ALMEIDA, s/d).

Newton afirmava que:

Tudo o que não é deduzido de fenômenos será chamado de hipótese; e as hipóteses, sejam elas metafísicas ou físicas, sejam elas dotadas de qualidades ocultas ou mecânicas, não tem lugar na filosofia experimental. Nesta filosofia, proposições particulares são inferidas dos fenômenos e depois tornadas gerais por indução. (GALILEU *apud* CAPRA, 1982, p. 59).

Com Newton, as estruturas conceituais provindas do cartesianismo tomaram a forma de uma visão de mundo unificada. Entretanto, foi Kant quem

identificou o objeto científico, único e exclusivo, com a física newtoniana, impossibilitando qualquer abordagem organicista da natureza - uma vez que o que não era mecanicista nem sequer era estudado. O mecanicismo passa a ser a única forma de fazer ciência, sendo amplamente aceito por todas as Universidades da Europa. Kant transformou a maneira de se colocar os problemas para a ciência e tornou literalmente impossível qualquer oposição ao mecanicismo (GRÜN, 2003,p. 40).

O cartesianismo transformou radicalmente a relação do homem com a natureza e do homem com a sociedade. O homem afastou-se da natureza e passou a considerá-la um objeto a ser dominado. Em muitas obras, pode ser percebido que o homem é o detentor da vida e algumas espécies só existem em sua função. O cartesianismo reforçou o mito de que os seres humanos são independentes de outras formas de vida (autonomia racional) (GRÜN, 2003, p. 47).

\* \* \*

Como vimos, podemos fazer uma distinção entre um saber contemplativo/discursivo, que julgava ser o sentido do mundo e um saber técnico/científico que atualmente domina a sociedade moderna. Vimos como, com o passar do tempo, a ciência começou a tomar um papel importante na sociedade e que o advento da técnica permitiu (e permite) ao homem interferir mais diretamente no “objeto”, vindo a transformar mais diretamente a natureza.

Devido a esta interferência, houve uma inversão dos valores. A técnica passa a ser a orientadora da sociedade contemporânea, na medida em que interage significativamente com o objeto (natureza), interferindo conseqüentemente na relação do homem com a natureza (DUARTE, 2002, p.27). Por outro lado, a técnica não se concentrou apenas na matéria, influenciando também as relações de poder, provenientes da dominação da natureza pelo o homem. Ou seja, hoje a ciência passa dos limites do objeto e interfere significativamente no contexto social, ditando o rumo da sociedade (ARAÚJO, 1998). Podemos dizer ainda que, tal como

afirma Campos (2004, p. 48) a tecnologia – como maneira do homem relacionar-se com a natureza – é o modo característico do mundo capitalista.

## **2.2 Da alienação à felicidade**

As discussões sobre dominação e tecnologia foram intensificadas no âmbito da Escola de Frankfurt, principalmente por um de seus grandes representantes, Herbert Marcuse. Confirmando o que foi visto até aqui, Marcuse ressalta que, nas sociedades modernas, a natureza é apreendida apenas como objeto a ser dominado e explorado, sendo-lhe negado qualquer potencialidade ou qualidade intrínseca (CAMPOS, 2004, p. 48).

O problema se agrava quando se percebe que a dominação é estendida também à sociedade e à cultura, determinando necessidades sociais e individuais, além daquelas necessidades que o homem tem direito indiscutível (as necessidades vitais, tais como alimento, roupa e teto) (CAMPOS, 2004, p. 52). Entretanto, o sistema de dominação, cria no homem uma necessidade inexistente. E o homem passa a identificar-se com os produtos que consome, como carros, utensílios de cozinha entre outros (CAMPOS, 2004, p. 52).

Nesta nova realidade o homem se aliena de si próprio, da sua vida na medida em que o trabalho não é a satisfação de uma necessidade, mas apenas um meio de satisfazer estas necessidades exteriores (CAMPOS, 2004, p. 52).

Diante disso, para Marcuse (1999, p. 193),

Todo o progresso técnico, a conquista da natureza, a racionalização do homem e da sociedade não eliminaram e não podem eliminar a necessidade de trabalho alienado, a necessidade de trabalhar mecanicamente, desagradavelmente, de um modo que não representa a auto realização individual.

Marcuse discute profundamente a questão da “realização individual”, baseado na psicanálise de Freud. Nesta discussão, Marcuse reflete sobre as possibilidades do homem alcançar a felicidade, diante deste contexto alienante. Na

verdade, Marcuse acredita na felicidade do homem e em seu livro “Eros e Civilização”, procura demonstrar como (DORIA, 1974, p.173).

Freud afirma que a história do homem é a história de sua repressão. O homem começa a se civilizar quando começa a se reprimir. A civilização do homem, juntamente com o domínio da natureza, é inversamente proporcional à felicidade humana, ou seja, “*o homem civilizado será sempre um homem infeliz*” (DORIA, 1974, p.173).

Marcuse analisa a dominação baseado no princípio do desempenho e seu poder alienante (SPARANO, s/d). Para entender a dominação entre homens e destes para com a natureza, Marcuse afirma que os homens tem uma necessidade de provar sua capacidade em todos os sentidos (seu desempenho). Isso acaba gerando formas de domínio na medida em que o homem tem que estar sempre ultrapassando limites, dominando o mundo ao seu redor. Mas isso é feito de modo inconsciente, sendo este homem então alienado do contexto sob o qual ele está imerso.

Este princípio, por sua vez, tem sua origem em outro, chamado por Marcuse (1999, p.51) de princípio da realidade. Tal princípio, como afirma Doria (1974,p.183), é a *Anankê* - palavra grega que quer dizer “necessidade”, “obrigação”, “sofrimento”. Ele nos ensina o meio de distinguir entre o “certo” e o “errado”, o “bem” e o “mal”, ou seja, a razão humana surge como resultado da divisão do indivíduo em dois campos: a busca do prazer e as restrições impostas pela *Anankê*<sup>1</sup>.

O homem aprende a renunciar ao prazer momentâneo, incerto e destrutivo por um prazer adiado, mas garantido. Isso é a substituição do prazer pelo princípio da realidade, o grande acontecimento traumático no desenvolvimento do homem, na medida em que a repressão não é imposta pela natureza, mas sim pelo próprio homem (CUNHA, s/d).

Como afirma Marcuse (1999, p.51),

o princípio da realidade significa que qualquer satisfação que seja possível necessita de trabalho, arranjos ou iniciativas mais

---

<sup>1</sup> Interessante perceber que, na sociedade industrial, esta tensão é mascarada por um conceito de liberdade com promessas para o prazer (ócio, entretenimentos de um modo geral) – entretanto, na prática, o indivíduo é condicionado a um trabalho alienado, “escravizador” (SPARANO, s/d).

ou menos penosas para a obtenção dos meios da satisfação das necessidades. Enquanto o trabalho dura, o que ocupa toda a existência do indivíduo amadurecido, o prazer é suspenso e o sofrimento físico prevalece. E como os instintos básicos lutam pelo predomínio do prazer e a ausência de dor, o princípio de prazer é incompatível com a realidade, e os instintos tem de sofrer uma arregimentação repressiva.

Para Marcuse, a civilização começa quando o homem deixa a sua satisfação integral de lado. Essa repressão tornou-se possível nas sociedades, pois é inerente ao trabalho humano, tem sua origem no conhecimento adquirido pelo homem no processo histórico e dirige/dirigiu o próprio progresso da sociedade humana (DORIA, 1974).

Esta dominação é resultado de um trabalho perpétuo para que se possa alcançar o progresso. Progresso este que vem como resultado de um trabalhar mecanicamente, desagradavelmente, de modo que o homem não alcança a sua realização imediata, tal como afirma Marcuse (1999, p.193). Entretanto, o trabalho técnico mecânico pode ser um caminho para a libertação do indivíduo. Para que isso possa ser melhor compreendido, devemos voltar ao princípio do desempenho e suas implicações (CAMPOS, 2004, p.96).

A atividade mecânica afasta o homem do prazer, o que é intensificado pelo princípio do desempenho. O homem dedica-se mais do que o necessário à 'luta da sua existência', privilegiando interesses **de poder e dominação**. O homem é transformado em um simples objeto de trabalho.

De acordo com Campos (2004, p.97), o princípio do desempenho cria no homem falsas necessidades e uma busca pela maior produtividade, gera **COMPETIÇÃO**, valoriza o prestígio e o status, as imagens de um vigor artificial, de um charme de publicidade, etc.

Na visão marcuseana, torna-se então necessário uma redução desse super-desenvolvimento para que assim o homem atinja a felicidade. O que não significa um retrocesso tecnológico ou um retorno a uma civilização mais atrasada (CAMPOS, 2004, p.96). Mas como será a felicidade possível? (DORIA, 1974, p.194).

A felicidade, na ótica de Marcuse, é alcançada quando a libido (aqui não se referindo ao sexo, mas sim à sexualidade em geral) é transformada. É o que ele chama de controle de Eros ou "auto-sублиmação da libido". Como consequência



disso, haveria uma diminuição dos impulsos sexuais, tendo em vista outros aspectos da vida social - a erotização (CAMPOS, 2004, p.113). Sob este princípio, o corpo é domesticado e isto significaria a ressexualização do corpo, que se orientaria para uma atividade mais prazerosa e gratificante (CAMPOS, 2004, p.113).

Para Marcuse, a natureza não conhece o verdadeiro prazer, mas a satisfação de carências. Todo o prazer é social e tem sua origem na alienação (MARCUSE, 1999, p.197). O que diferencia o prazer da satisfação de carências é que o prazer não se esgota de imediato e ele engendra mecanismos para a plena realização de seu ato.

De acordo com Marcuse (1999, p. 197), embora a busca por saciar as carências tenha feito o trabalho de dominação do homem, também antagonicamente, exerce a função de erotizar as relações não libidinais, transformar a tensão e alívios biológicos em LIVRE FELICIDADE.

\* \* \*

Como vimos, a história do desenvolvimento da razão que culminou com um crescente domínio/conquista da natureza levou, para Marcuse, a uma situação em que os indivíduos se encontram alienados não apenas do fruto de seu trabalho, tal como Marx propunha, mas também do próprio ato de trabalhar, que não tem como objetivo apenas satisfazer suas necessidades mais básicas como também satisfazer aquelas necessidades “exteriores” a ele. Nas palavras de Marcuse, “(...) *as criaturas se reconhecem em suas mercadorias; encontram sua alma em seus automóveis, hi-fi, casa em patamares, utensílios de cozinha*” (CAMPOS, 2004, p.52).

Dentro desta mesma lógica, o homem se aliena da própria natureza que, tal como visto acima, se torna apenas um objeto a ser dominado. Este domínio se dá pelo desenvolvimento da técnica, sendo, como já citado, a tecnologia o modo característico de relacionamento do homem com a natureza no mundo contemporâneo (CAMPOS, 2004, p.48).

Vemos com Campos (2004,p.48) que Marcuse ressalta que subjacente a esta relação situa-se um projeto histórico de subjugação da natureza. Projeto no sentido de escolha entre alternativas, sendo que a alternativa da dominação prevalece.

Diante deste quadro teórico, podemos analisar a relação do homem com a natureza e especificamente com as montanhas, como uma tentativa dos indivíduos superarem esta relação de domínio e alienação sob a qual se encontram

presos. Esta superação pode ser alcançada na medida em que aquele tempo livre é aproveitado como uma forma de fuga da realidade cotidiana de trabalho e stress e também como busca de uma “transcendência” da realidade limitante sob a qual se vive (MARCUSE, 1999, p.193).

Veremos a seguir de que forma estas questões se refletem na história da relação do homem com as montanhas.

### **3. CAPITULO II**

#### **3.1 O homem e as montanhas.**

As montanhas, juntamente com os desertos e os mares, são, de acordo com Tuan (1974 *apud* STRUMINSKI, 2002, p. 80), aspectos da natureza que desafiam o controle humano fácil. Mesmo assim, a relação de aproximação do homem com o ambiente de montanha é antiga<sup>2</sup>, iniciada praticamente com a história da humanidade (STRUMINSKI, 1997, p. 127).

Durante muitos anos as montanhas foram vistas como obstáculos inacalçáveis e morada de deuses e demônios, pois eram os limiares entre o céu e a terra. Na verdade, segundo Macfarlane (2003, p. 23), há três séculos atrás escalar montanhas e arriscar a sua própria vida era considerado algo insano. Na imaginação do século XVII e início do século XVIII, a natureza era associada com a agricultura - a grande atração eram as paisagens domesticadas.

Como afirma Macfarlane (2003, p. 23):

(...) as montanhas, produtos mais selvagens da natureza, não eram apenas indomáveis, do ponto de vista agrícola, como também consideradas repulsivas: acreditava-se que o relevo

---

<sup>2</sup> Os precursores históricos que adentraram aos ambientes hostis das montanhas foram: Pedro III rei Aragon ao monte Canigó (2.785m), nos Pirineus no ano 1280; do poeta Francisco Petrarca, ao monte Ventoux (1909m), na França no ano 1336 e a de Bonifácio Rotario de Asti ao monte Rochemelon (3538m), na Itália; O primeiro com neve no cume. Todos estes homens deram o passo inicial ao montanhismo (JOLIS, 1974, p.21).

acidentado e o contorno gigantes perturbavam o equilíbrio espiritual da mente.

Mas, a partir da segunda metade do século XVIII, graças às conquistas científicas surgidas na época, os indivíduos começam a buscar as montanhas com o intuito científico. Em 1760, o geólogo Horace Benedict Saussure<sup>3</sup> ofereceu um prêmio, em dinheiro, a quem subisse o cume do “Mont Blanc” (França). Entretanto, na medida em que Benedict defendia a suposição que o cume da montanha atingia a temperatura de -1000 °C, ninguém se aventurou a subir (HAUCK, s/d)

Foi somente em 1785 que Jacques Balmat acidentalmente pernoitou no *Mont Blanc*, após ter-se perdido ao perseguir uma *chamois*<sup>4</sup>. Incentivado pelo sucesso de sua acidental experiência, ele convida o médico Gabriel Paccard a ascender ao cume do “Mont Blanc”. Os dois foram os primeiros a chegar ao cume da montanha mais alta da Europa ocidental, tendo dado a esta “*expedição uma característica exploratória e científica*”, vindo a receber o prêmio oferecido por Saussure (HAUCK, s/d).

Motivados pelos sucesso de Balmat, as aproximações e subidas às montanhas tomam um novo caráter - o da sistematização (JOLIS, 1974, p. 24). As montanhas européias passam a ser freqüentadas por homens com programas bem projetados para a ascensão que, algumas vezes, utilizam ferramentas agrícolas improvisadas (HAUCK, s/d).

A partir do séc. XVIII a visão que prevalecia a respeito das montanhas era ainda insensível, mas, devido à crescente acessibilidade aos locais, tornou-se mais fácil viajar e alcançar alguns destes ambientes. A emoção declinou com a familiaridade e, como consequência, o homem misturou propósitos de lazer com científicos.

---

<sup>3</sup> E Em 1779 a 1796, foi escrita a obra de Saussure *Voyages dans lês Alpes*, em quatro volumes, um estudo da geológico e um dos primeiros livros sobre viagens a locais inóspitos (MACFARLANE, 2003, p. 53).

<sup>4</sup> Cabra montanhesa dos Alpes.

Inicia-se nesta etapa, como afirma Jolis, (1974, p. 24) “[...] *la auténtica pasión por lá montana y se convierte en clásica la denominación de ‘alpinismo’*”<sup>5</sup>.

A partir do séc. XIX, afirma Struminski (2003, p. 128), “*praticamente todos os países europeus com montanhas importantes (inclusive a Inglaterra), já tinham suas sociedades ou clube de montanha*”.

Aberto este novo capítulo de ‘conquista’ das montanhas, o último cume a ser conquistado foi o do monte *La Meije*, em 1877. Não restava mais na Europa um cume importante sem a passagem do homem (JOLIS, 1974, p. 25).

No mesmo século, motivados pelas conquistas realizadas na Europa, iniciaram-se no Brasil os primeiros registros de ascensões à Pedra da Gávea e às elevações da Serra da Carioca e Maciço da Tijuca, realizadas principalmente por ruralistas do ciclo do café, cujo objetivo era o domínio na montanha.

\* \* \*

De acordo com Struminski (2002, p. 127) a relação do homem com a montanha se encontra permeada por uma diversidade de sentimentos e valores que passam pelo temor, religiosidade, uso, proteção, pela possibilidade de “conquista” e também pela necessidade de uma reaproximação com a natureza.

Ao freqüentar uma montanha, podemos perceber o quanto essa muda a perspectiva do ser humano com o seu mundo. Struminski (2002) afirma que o esforço físico e mental que a ascensão requer, valoriza a pessoa. De outro lado, a mudança de escala mostra um mundo maior e acima do ser humano.

A ascensão de montanhas têm um impacto forte na consolidação e na aquisição de valores. Para a discussão destes valores, podemos nos basear em alguns conceitos que definem de uma forma mais objetiva a relação do homem com a natureza.

Um destes conceitos é denominado por Tuan (1974, *apud Struminski, 2003*) como TOPOFILIA: “*percepção, atitudes e ligação afetiva do ser*

---

<sup>5</sup> De acordo com o “*Dicionário de montanha e escalada*”, a palavra **Alpinismo** é “utilizada para definir a atividade realizada na cordilheira centro Europeu conhecida por Alpes. Este termo é, no entanto atualmente utilizado como genérico, para definir qualquer ascensão em qualquer zona montanhosa do globo. Prática com uns riscos elevados, que exige consideráveis conhecimentos, técnicos, físicos, psicológicos, de material e equipamento, e do conhecimento das características destas regiões”. O montanhismo, denominação bastante utilizada atualmente, de acordo com Struminski (2003, p. 128) é um sinônimo para alpinismo.

*humano para com o lugar ou o ambiente físico*". Deste conceito, afirma Struminski (2003,p.127), surgiu um outro mais recente e mais abrangente: a BIOFILIA – conceito que define a “*ligação afetiva com os outros organismos e habitats com os quais sentimos afinidade*” (HEEMANN,2003, p.113). Com estes conceitos, pretende-se mostrar que o homem tem uma necessidade intrínseca de se relacionar com a natureza, baseado em variadas motivações e valores específicos.

Afirma ainda Struminski que vários autores tem investigado as formas de expressão da biofilia. Um deles, Stephen Kellert (1993 *apud* STRUMINSKI, 2003 p.126), agrupou estas expressões em alguns tipos, tais como: exploração prática e material, para fins de estudo sistemático; controle físico e conquista; satisfação com contatos diretos; pela beleza física (ideal); para uso para expressões metafóricas; por sentimentos emocionais profundos a elementos individuais da natureza (árvores, animais); por afinidade, espiritualidade, ética, medo, aversão ou alienação (STRUMINSKI, 2003).

De forma mais sistemática, Kellert, agrupou os valores biofílicos da seguinte forma:

Tabela 1: Tipologia de valores biofílicos

Termo	DEFINIÇÃO	FUNÇÃO
Utilitarismo	Exploração prática e material da natureza	Sustentação física e segurança
Naturalismo	Satisfação com contatos diretos com a natureza	Desenvolvimento físico e mental, curiosidade, atividades na natureza
Ecológico-científica	Estudos sistemáticos da natureza	Busca do conhecimento e compreensão
Estética	Beleza física (ideal) da natureza	Inspiração, harmonia, paz, Segurança, modelo
Simbólica	Uso da natureza para expressões metafóricas	Desenvolvimento mental, comunicação
Humanista	Sentimentos emocionais profundos a elementos individuais da natureza (árvores, animais)	Cooperação, fortalecimento de relações entre grupos, pessoas e animais
Moralista	Afinidade, espiritualidade, ética	altruísmo, solidariedade, proteção
Dominionística	Domínio da natureza, conquista, controle físico	Coragem, habilidades para subjugar
Negativista	Medo, aversão, alienação	Segurança, proteção, fobias

Fonte: Kellert, citado por Struminski (2003, p. 127).

Todos estes, combinados ou não entre si, podem ser tomados como motivações presentes na relação do homem com o mundo natural.

No caso do montanhismo, pode-se dizer que ele foi praticado, dentro e fora da Europa por motivos utilitaristas e científicos. Mas ainda assim, muitos

montanhistas nutriam individualmente uma visão estética e naturalista em relação a montanha (STRUMINSKI, 2003, p. 128).

Na verdade, afirma ainda STRUMINSKI que as atitudes para com a montanhas mudaram com o tempo:

Inicialmente o temor se combinava com a aversão, posteriormente passou para um sentimento pelo sublime, depois pelo pitoresco e finalmente para a avaliação moderna das montanhas como recursos recreativos.

### 3.2 O homem e as montanhas paranaenses

Diante do objetivo de compreendermos de que formas se dão as relações do homem com a natureza, vamos nos deter em um local específico, o Morro Anhangava, localizado na Serra da Baitaca.

A primeira ascensão a uma montanha paranaense, que se tem registro, ocorreu em 1879, quando um grupo de paranaenses liderados por Joaquim Olímpio de Miranda, alcançou o '*Pico Olimpio*'<sup>6</sup>, o mais elevado do conjunto da Serra do Marumbi - PR, com uma escalada<sup>7</sup> bem planejada e em moldes esportivos (BUGIN, s/d).

Para atingir o pico Olimpio provavelmente se utilizaram do Caminho do Itupava, o mais importante trajeto entre Morretes e Curitiba, aberto por volta de 1625 (HABITZREUTER,2000,p.67). O Caminho do Itupava foi uma importante ligação de Curitiba a Morretes, e passa ao lado da Serra da Baitaca.

---

<sup>6</sup> Nome dado em homenagem a Joaquim Olímpio de Miranda, seu conquistador.

<sup>7</sup> Definição do dicionário de montanha e escalada: "*Atividade física de ascensão a uma superfície natural (rocha, gelo) ou artificial (muro, edifício, outros). Na escalada é possível utilizar ou não, materiais que facilitem a deslocação do escalador, bem como equipamento de segurança*". Avelar (s/d)

### 3.3 Serra da Baitaca

De acordo com Struminski (1992, p.01) o nome 'Baitaca' tem origem em uma espécie de papagaio esverdeado, a *Baitaca (pionus maximiliani)*, outrora abundante na região.

A Serra da Baitaca está situada na parte leste da região metropolitana de Curitiba e, juntamente com outras cadeias de montanhas, compõe a Serra do Mar - divisor geográfico natural entre a planície litorânea e o primeiro planalto paranaense (STRUMINSKI, 2000, p. 20).

A serra encontra-se entre as latitudes 25° 21' e 25° 26' sul, desenvolvendo no eixo logitudinal de 49° 00' e situa-se a 30 quilômetros da parte leste de Curitiba. Faz divisa com as cidades de Quatro Barras e Piraquara (STRUMINSKI, 1992, p.10)

As principais vias de comunicação de Curitiba com a Serra da Baitaca são a BR-116 e a Rodovia PR-415 (Anexo 1) (STRUMINSKI, 2000, p. 20).

Nesta região situam-se as nascentes dos rios Capivari-Mirim, Ipiranga, Capitanduva e Iraí, entre outros, contribuindo para a formação da Bacia do Rio Iguaçu, integrantes do sistema de captação de água da região metropolitana de Curitiba e das represas situadas na Serra do Mar (STRUMINSKI, 1992, p. 11).

O Morro Anhangava é o de maior altitude da Serra da Baitaca (STRUMINSKI, 1992, p. 11).

### 3.4 Anhangava

São desconhecidos os primeiros registros da ascensão ao Anhangava. Mas, sabe-se que há inscrições dentro da 'caverna do Urubu'<sup>8</sup>, que remontam ao século XVIII. Acredita-se que exploradores tenham chegado ao cume

---

<sup>8</sup> Caverna localizada no próprio Morro.

no início da colonização, por volta de 1693, anos após a inauguração do caminho do Itupava (NETO, 2003, p. 21).

Após os anos de 1880, o Morro Anhangava começa a sofrer com a exploração mineral Granito, por consequência da implementação da ferrovia Curitiba-Paranaguá. Serrarias e engenhos de mate foram instalados próximos a linha férrea e com o tempo, foram distanciando-se da ferrovia.

Como afirma Struminski (1992, p. 6):

(...) é possível imaginar sem muita margem de erro que o estímulo à exploração mineral (granito) tenha sido consideravelmente incrementado pela ferrovia, pois a pedra brita e os paralelepípedos são muitos usados neste tipo de estrada.

Entretanto, o Morro só veio a chamar a atenção da população local por volta da década de 1950, quando populares realizaram uma missa no seu cume e onde, em 1957, foi construída uma capela<sup>9</sup> (STRUMINSKI, 1992, p.8).

Em 1995, como medida compensatória pela construção do contorno Leste, eixo integrante da BR-116, O Departamento Nacional de Estradas e Rodagem - DNER, incorpora uma proposta de criação de uma unidade de conservação (parque estadual)<sup>10</sup> ( STRUMINSKI, 2000, p. 22). E, em 5 de junho de 2002, pelo Decreto Estadual no 5.765:

*“Art. 1º - Fica criado o Parque Estadual da Serra da Baitaca, com área total de 3053,21 ha, localizado nos municípios de Quatro Barras e Piraquara, [...]”*

É importante pensar nas condições em que se encontram as montanhas de nosso planeta e o que o homem tem feito a estes ambientes na medida em que a montanha é um bem limitado e também sofre com o advento da tecnologia, pois, tal como Krueger (2001) afirma, o fator tecnológico altera toda a vida social e as relações das sociedades com a natureza, podendo gerar uma alta degradação.

Percebe-se que as relações do homem com a natureza foram silenciadas no processo de afirmação do modernismo (GRÜN, 2003, p. 109) e locais longínquos, como as montanhas, também sofreram com a sua expansão. O homem

---

<sup>9</sup> Essa atividade, ainda hoje é realizada levando centenas de pessoas ao Morro.

<sup>10</sup> STRUMINSKI, Edson; “Serra da Baitaca - Caracterização e proposta de manejo (relatório de pesquisa)”. *Monografia*. Fundação O Boticário de proteção a natureza-Curitiba, 1992



começou a 'usufruir' deste ambientes e o seu contato direto trouxe impactos devido a uma falta de manejo e conservação.

Conforme tabela, vemos a relação de algumas áreas que tiveram seu acesso restrito devido ao impacto sofrido pela ação de montanhistas/escaladores:

<b>Local, Município, UF Tipo de proteção</b>	<b>Tipo de rocha</b>	<b>Ano/ Público afetado/ Razão alegada</b>
Área de proteção especial Gruta da Lapinha, Lagoa Santa, MG*. Área cárstica, municipal.	Calcário	2002. Escaladores e praticantes de rapel, mas as demais atividades não proibidas. Falta de plano de manejo em área cárstica.
Gruta do Baú, Pedro Leopoldo, MG. Área cárstica, propriedade particular	Calcário	2002. Escaladores Falta de plano de manejo em área cárstica.
Roxane, Sete Lagoas – MG Área cárstica, propriedade particular	Calcário	Escaladores principalmente e quaisquer outros visitantes Decisão do proprietário
Parque Estadual do Monge - Lapa, PR	Arenito	Escaladores e principalmente praticantes de rapel Impacto nas bases das paredes e queda de pedras.
Pedra da Divisa São Bento do Sapucaí – SP. Propriedade particular.	Granito	Escaladores Fechada temporariamente para recuperação – acordo entre proprietário e escaladores
Parque Estadual da Pedra Azul Domingos Martins, MG	Granito	1999 - Escaladores Prática tida como perigosa e danosa ao ambiente
Ilha do Mel Paranaguá – PR. Parque Estadual.	Granito	2001 - Escaladores e praticantes de rapel A partir de demanda dos próprios escaladores de atenção aos impactos causados pelo rapel. Abertura aos escaladores em negociação.
Campo Escola Canta Galo Pouso Alegre – MG. Propriedade particular.	Granito	Escaladores e outros visitantes Mudança de proprietário e mal comportamento de alguns visitantes
Parque Estadual dos Pirineus Pirinópolis (GO)	Quartzito	Dezembro 2003 - escaladores Desconhecimento à respeito da intensidade dos impactos na área de influência de espécie da avifauna.

TABELA 2 - Locais fechados à prática de escalada, em áreas particulares ou unidades de conservação, em diversos estados (RIBEIRO, 2004, p. 344)

Neste sentido, o Morro Anhangava tem uma característica única do ponto de vista humano, econômico e técnico sendo necessário, de acordo com Casagrande (s/d), buscar um diálogo entre sociedade, tecnologia e meio ambiente, com base em um processo criativo humano, visando preservar ou mesmo criar condições sustentáveis de relacionamento entre estes três fatores. Principalmente porque, com o aumento do fluxo de pessoas à montanha, por conta das atividades de montanhismo e escalada, aumentam os problemas relativos à degradação.

A relação de depredação que liga o homem à montanha tem se tornado cada vez mais grave a partir do final da última década. Isso porque aumentou o número de freqüentadores não tão interessados em alcançar o cume ou mesmo desfrutar da montanha, mas sim em realizar rotas menores, de ascensões mais difíceis. Estas rotas menores, de extensão inferior a 10 metros, não levam ao cume e acabam gerando a criação de novas trilhas, lixo e grampeação<sup>11</sup>. Este tipo de rota acaba favorecendo a utilização de instrumentos criados pelo homem que, juntamente com suas técnicas (manuseio), propiciam condições que levam à poluição.

### 3.5 Anhangava e a escalada

A relação do Morro Anhangava com a escalada começou a aparecer a partir de 1946, com as “conquistas” das vias<sup>12</sup> Andorinhas, Caverna e Escoteiros (Anexo 3), por Henrique Paulo Schmidlin (vulgo Vitamina) e outros companheiros (NETO, 2003, p. 21). A partir da década de 70, como afirma Struminski (1997, p. 5), inúmeras outras vias foram conquistadas para a prática da escalada, tornando o local conhecido como campo-escola para a prática da escalada.

A partir de meados da década de 80, com o aumento das lojas especializadas em escalada e montanhismo, ocorreu o desenvolvimento de um outro tipo de escalada - a escalada livre<sup>13</sup> (STRUMINSKI, 1997, p. 5).

A partir dos anos 90, o Morro Anhangava assistiu ao advento da escalada desportiva, muito embora o uso de ‘red point’<sup>14</sup>, treinos prévios e realização inicial de escalada com corda de cima (*Top rope*) fossem comuns.

<sup>11</sup> Método utilizado para a segurança. Colocação de rebites fixados a rocha (Anexo 6).

<sup>12</sup> Via é o itinerário para a ascensão a uma face da montanha, seja de rocha, neve ou gelo.

<sup>13</sup> Definição do dicionário de montanha e escalada: “*Escalada livre, sobre rocha ou Estrutura Artificial de Escalada em que se utilizam proteções fixas intermédias de alta resistência para deter uma possível queda do escalador. Na escalada desportiva é possível alcançar a máxima dificuldade na escalada livre, com o máximo segurança*” (AVELAR, s/d).

<sup>14</sup> Conforme Franzen (1993, p.38) Red point é rota trabalhada. Depois de trabalhar uma rota na tentativa de colocar todos os movimentos de ascensão juntos, o escalador encadena (colocar todos os movimentos em seqüência) realizando todos os movimentos sem quedas e sem apoios.

Conseqüentemente, o número de praticantes aumentou de modo significativo e Curitiba tornou-se um dos centros nacionais da atividade (STRUMINSKI ,1997, p. 5).

O Morro Anhangava sucumbiu ao montanhismo e à escalada e em contrapartida começaram a surgir problemas ambientais decorrentes deste maior fluxo aos locais freqüentados pelos escaladores, tais como: trilhas, bases das paredes, platôs e as próprias vias de escaladas (STRUMINSKI ,1997, p. 5).

Para que se possa entender melhor este processo, nos capítulos a seguir nos deteremos em uma análise do trabalho de campo que ocorreu em dias aleatórios do segundo semestre de 2005 e que teve como principal instrumento entrevistas abertas com escaladores e montanhistas que visitam regularmente o Morro Anhangava.

### **3.6 Revelando os informantes**

A seleção dos informantes se deu em função de todos serem praticantes da atividade há no mínimo 10 anos. O propósito da pesquisa lhes foi dito e aqueles que se propuseram a cooperar foram acolhidos. O número de entrevistados foi considerado suficiente em função do limitado tempo disposto para a pesquisa de campo e do número relativamente baixo de indivíduos que praticam a escalada há mais de 10 anos.

Do total de pesquisados, oito são do sexo masculino e apenas um do sexo feminino; sete são freqüentadores ativos de montanhas (especialmente o Morro Anhangava) e apenas um se mantém afastado. A mulher praticante é escaladora renomada internacionalmente (considerada uma “atleta”) e seus ganhos mensais são provenientes da escalada. Os demais têm outras profissões. Dos homens, todos sem exceção ou cursam ou já concluíram curso superior e a única mulher concluiu o ensino médio.

O informante mais experiente tem 43 anos e o mais jovem 26. Interessante notar que o tempo de prática de alguns equivale à idade cronológica de outros.

Como complemento desta pesquisa, foi também consultada a pesquisa “O perfil do escalador paranaense”, de 1997. Este retrata cerca de 150 praticantes da escalada, freqüentadores do Morro Anhangava, dos quais cerca de 30% (trinta escaladores) praticam a atividade há mais de dois anos.

### 3.7 O início

Pela análise dos entrevistados percebe-se que muitos iniciaram a sua aproximação com a montanha como caminho para o controle do medo.

Isto pode ser evidenciado pela fala de G.:

Sempre foi na verdade por vontade de fazer aquilo que o meu irmão fazia (...), tinha medo de altura quando comecei a escalar, eu morria de medo de altura, para você ter uma idéia, confesso, (...) minha primeira escalada, eu tinha 11 anos de idade, eu escalei andorinhas no Anhangava. Comecei a chorar e pedi para o meu irmão me descer, porque eu não queria mais, cheguei na metade da escalada, me desesperei, fiquei apavorado e pedi para descer. Por que eu não queria mais. Serviu-me de lição, hoje a altura para mim, (...) eu consigo dominar esse medo e isso para mim foi uma conquista, não conquistei grau, o grau para mim era diferente, porque o máximo que poderia escalar era o 3º grau ou 4º grau. Mas o meu medo era de altura, era o desafio para mim. A intenção era vencer o meu medo. Eu teria isso, eu conquistei, dominei o equipamento, dominei o meu medo, isso para mim foi a conquista mais valiosa (...)

O mesmo discurso pode ser evidenciado na fala de R.:

*“(...) fiquei impressionada. Até que ponto podemos controlar o medo com a escalada foi o que me deixou curiosa para me aprofundar na escalada em si”.*

Para outros, entretanto, o discurso da conquista vem incrustado com *a sensação de aventura*. Partindo da idéia de que no montanhismo o risco é inerente à prática, o montanhismo passa a ser passível de controle. E parece que dominá-lo, ultrapassá-lo, é o grande desafio. O risco tem que estar a altura de quem o desafia, para poder ser uma conquista significativa - *uma grande aventura*.

A idéia da ‘conquista’ geralmente carrega em si outros termos, tal como vemos na fala de D.:

*(...)Eu ia pra montanha pra tentar superar, tinha uma briga particular ali pela natureza... era um desafio para mim, através dos tempos percebi que não tinha como eu desafiar a montanha(...)*“. Ou como na fala de L., que menciona: “O início com o montanhismo havia um maior enfrentamento [em relação à natureza]”.

Até mesmo o citado “fugir da realidade”, traz em si o conceito de escapar de alguém ou de alguma coisa que o domina. A sociedade exerce este papel de dominador. Então é necessário fugir, nem que por um breve momento, para suportar a dominação exercida por esta sociedade limitante. E esta dominação faz com que o homem se remeta ou se re-afaste da natureza, mantida afastada pelo histórico ocidental de conquista e separação.

As diferentes motivações que levam estes e outros indivíduos às montanhas deram e ainda dão origem a diversas ramificações ou divisões, que acabam definindo diferentes “especializações” e formas de o homem se relacionar com a natureza. Como veremos a seguir.

### **3.8 Montanhismo ou “escalada” - as “especializações”**

Já vimos anteriormente que as atividades de montanha podem ser definidas como “escalada técnica”, “escalada esportiva”, entre outras.

Estas divisões ocorrem e podem ser analisadas na fala de D:

*(...) a partir do momento que uma pessoa que parou de andar na pedra e teve que andar na neve, teve que criar uma modalidade nova. Então eu diria assim, até numa certa medida isto é natural, (...) não era só o ambiente natural que definia e também, o meio social que definia. Se o meio social começou a valorizar aquele indivíduo que ia lá e arrancava um troféu da natureza ou botava lá no cume uma bandeira em cima, então não era só o ambiente natural que determinava e também o meio social.(...)*

O meio social influencia a relação do homem com a montanha e esta sofreu inúmeras modificações, desde o ano de 1786, após a conquista do Mont Blanc. Com o passar dos tempos, esta aproximação e a busca incessante por especialização, acabou por dividir o montanhismo em categorias ou sub-grupos.

Esta divisão pode ser percebida fortemente no Morro Anhangava através da fala de todos os entrevistados. Estes identificaram inúmeros fatores responsáveis por estas divisões.

Pela fala de G:

(...)Quando comecei a escalar havia basicamente uma modalidade de escalada. A escalada tradicional. O pessoal da minha geração, do meu irmão, tinha uma técnica de escalada. Havia restrições em relação ao equipamento. Os equipamentos eram até meio rudes (...)eu não cheguei a pegar esta época (...)de cadeado, porca, coisas assim. Mas não existiam mosquetões suficientes. Tudo era muito caro e tudo era importado. A gente tinha que contar com um amigo que fosse viajar para o exterior para que trouxesse as sapatilhas de escalada. Eram todas importadas e a única sapatilha nacional que eu conhecia era da “Snake”, era um mito. Só os escaladores que tinham boas condições financeiras podiam comprar. Então naquela época a graduação era no máximo um ‘7 grau’ e independentemente disso, eu não lembro de discutir graduação. A escalada esportiva, no Brasil não existia ou não era difundida(...).

O mesmo discurso de equipamento pode ser analisado na fala de D. Ele vai além do equipamento e analisa a divisão existente no montanhismo:

(...) com o tempo eu fui desenvolvendo uma mentalidade através do convívio social que foi se ampliando aqui na montanha, então já não era mais aquela visão anterior, eu fui começando a desenvolver uma nova visão naturalista de convívio e esta idéia de conquista perdeu a importância em função da idéia de que poderíamos fazer a mesma coisa com mais qualidade, só que sem a natureza, pois a idéia de conquista tinha uma postura muito agressiva em relação a natureza, de domínio, de ódio(...), tínhamos a missão de fazer a mesma coisa só que sem agredir, sem nenhum grampo, sem corda, sem nada. Ai que surgiram inúmeras modalidades novas, como escalada com material móvel, escalada em solo, então isto foi uma mudança importante. Hoje ainda existe gente que valoriza a idéia de colocar a bandeira lá em cima e enfiar uns grampos atrás do outro (...), para derrotar a pedra (...).

Entretanto, este discurso inexistente em praticantes com menos de 15 anos de prática montanhística. Estes relatam a existência de divisões, mas não falam nada em relação às dificuldades em adquirir os equipamentos.

Na fala dos praticantes com tempo de prática inferior a 15 anos, pode-se perceber uma idéia de especialização que podemos remeter a uma forma de pensar "cartesiana". Percebe-se, na fala de C., por exemplo, que "(...) *além do montanhismo há outras atividades*" que Di cita: (...) *o paraglaider, snowboard, (...) mountain bike, o trecking, (...) bolder, a escalada esportiva, escalada em rocha, escalada em solo, vôo livre (...), dentre outras.*"

Ao comparar estas ramificações entre si, percebe-se que todas são atividades praticadas em um ambiente de montanha ou derivadas dela, mas que apresentam pequenas diferenças responsáveis pela divisão:

*Paragliding*: ou *Parapente*<sup>15</sup>, consiste em lançar-se de uma montanha, em um equipamento aperfeiçoado a partir do pára-quedas. Com o tempo, os modelos foram melhorando sua performance, chegando ao ponto de tornar-se um pára-quedas planador.

*Snowboard*: consiste em deslizar na neve sobre uma prancha desenvolvendo manobras.

*Mountain bike*: associação da bicicleta com o montanhismo, ou seja, subir ou descer com uma bicicleta, fazendo ou não manobras.

*Vôo livre*: voar com o auxílio de uma asa delta fazendo manobras.

*Trekking*: caminhar por trilhas naturais. Os percursos podem ser curtos ou longos, importando apenas o prazer em caminhar.

No que se refere à escalada propriamente dita, citadas por Di, podemos ver as definições dadas pelo "Dicionário de Escalada", referência importante no meio e que acaba refletindo uma terminologia própria e atualmente disseminada:

*Escalada (Climbing)*: Atividade física de ascensão a uma superfície natural (rocha, gelo) ou artificial (edifício, outros). Na escalada é possível utilizar ou não materiais que facilitem o deslocamento do escalador, bem como equipamento de segurança (Anexo 5).

---

<sup>15</sup> Vem do francês: PARA que significa parachute (pára- quedas) e PENTE é o mesmo que colina, Morro. Paraglider vem do inglês GLIDER que significa planador.

*Escalada Artificial (Aid Climbing):* Escalada que utiliza meios artificiais para que o escalador se possa elevar, realizar um movimento ou suportar o seu peso. O Estribo é um dos equipamentos que mais caracteriza este estilo de progressão.

*Escalada Clássica (Trad Climbing):* Escalada de vias, geralmente grandes, sobre um relevo rochoso pouco freqüentado e sem equipamento permanente ao longo de toda a sua extensão. Os pitons<sup>16</sup>, entaladores<sup>17</sup> e pontas de rocha são utilizados como pontos intermédios e finais de segurança, estes últimos pontos denominam-se 'parada'. Normalmente estas vias possuem um baixo grau de dificuldade, sendo estas as vias percussoras da escalada em rocha como disciplina própria (Anexo 5).

*Escalada de Big Wall (Big Wall Climbing):* Escalada de grandes vias existentes em rocha. Considera-se uma via de *bigwall* toda aquela que possua 500 metros ou mais de altura.

*Escalada de Boulder:* Escalada de pequenos blocos de rocha. Devido à grande proximidade com solo 3, 4, metros, não é necessário utilizar corda nem material de segurança, entretanto, atualmente como equipamento de segurança utiliza-se o 'crash pad' (colchão de espuma) (Anexo 5).

*Escalada Desportiva (Sport Climbing):* Escalada livre, sobre rocha ou equipamento para ascensão em que se utilizam proteções fixas intermediárias de alta resistência para deter uma possível queda do escalador. Na escalada desportiva é possível alcançar a máxima dificuldade na escalada livre, com o máximo de segurança.

*Escalada em Gelo (Ice Climbing):* Atividade de progressão em montanhas com paredes de rocha, neve ou gelo, empregando técnicas e materiais característicos do montanhismo e da escalada em gelo;

*Escalada em Rocha (Rock Climbing):* Atividade de progressão em paredes naturais e artificiais, empregando técnicas e materiais característicos da escalada em rocha (Anexo 5).

---

<sup>16</sup> O pítón é uma pequena peça metálica que se introduz a martelo numa fenda, para permitir criar um ponto de união da corda à rocha, através de um mosquetão. Existem vários tamanhos e formas de pítóns, sendo utilizados na escalada clássica e artificial (AVELAR, s/d).

<sup>17</sup> Os entaladores é um estilo de proteção móvel constituída por uma peça (cunha) unida geralmente a um fio mais resistente geralmente de cabo de aço. Este material é destinado a ser introduzido nas fendas como alternativa à colocação do pítón (AVELAR, s/d).



*Escalada em Solitário:* Escalada com segurança autônoma, sem a utilização de companheiro de segurança. A sua prática exige um elevado nível de conhecimento no domínio de técnicas de corda e matérias complementares. Possui elevado risco.

*Escalada em Solo Integral:* Escalada sem qualquer material de segurança. Quando realizada na vertical a grande altura existe o perigo de morte eminente do escalador (Anexo 5).

*Escalada Indoor (Indoor Climbing):* Escalada desportiva e boulder realizada em ginásios poliesportivos ou academias cobertas.

*Escalada Limpa (Clean Climbing):* Escalada livre em que apenas se utilizam proteções móveis que não danificam a rocha, entaladores, *Friends*<sup>18</sup> e afins.

*Escalada Livre (free Climbing):* Escalada em que apenas se utilizam as extremidades corporais sobre a superfície de escalada para executar o movimento de ascensão, em rocha ou EAE (equipamentos móveis de subida).

*Escalada Mista:* Escalada que decorre sobre troços de gelo alternado com rocha, e vice-versa. É uma prática que exige a aplicação de técnicas, materiais e equipamentos de escalada em gelo/cascatas e a realização de progressão em livre e em artificial com esse mesmo material.

Estas especializações em escalada, como visto anteriormente, não eram praticados com afinco no Morro Anhangava há 15 anos atrás. Como afirma G.: “*O bolder antigamente era coisa pra passar o tempo. A gente queria dar uma aquecida e ia lá fazer um bolder. Era pra aquecer os dedos ou pra dar uma descontraída*”.

Percebe-se que a “especialização” na montanha, decorrente de um pensamento mecanicista, é regida por uma ditadura numérica: a graduação foi introduzida como forma de medir um desempenho.

---

<sup>18</sup> Nome em inglês para definir um tipo de proteção móvel constituída geralmente por quatro peças móveis (Cams) unidas entre si por um eixo e um cabo rígido ou maleável, unido perpendicularmente a este eixo. A extremidade do cabo destina-se à união de uma fita e mosquetão. Esta peça pode ser facilmente adaptada a várias larguras de fendas, através de (Cams) que são movidas por controlo de molas acionado pelos dedos do escalador. Atualmente existem inúmeros modelos e marcas diferentes. E cada industria refere-se ao equipamento com nomes diferentes tais como a industria black diamond o chama de camelots, a industria Petzl a denomina de aliens, etc. É considerado um entalador ativo, pois sempre que é solicitada a sua extração da fenda, este tende a expandir-se e a atacar-se ainda mais na fenda. Os friends de cabo flexível são mais versáteis e seguros que os de cabo rígido; estes últimos já em desuso. (AVELAR, s/d) (Conforme Anexo 4).

O desempenho aqui, se refere à graduação que, de acordo com a Federação de Esportes de Montanha do Estado do Rio de Janeiro - FEMERJ (2003):

“tem o objetivo de expressar a soma de todos os fatores objetivos e subjetivos que traduzem a dificuldade de uma via. Trata-se de uma média das dificuldades técnicas encontradas ao longo da via, que por sua vez pode ser ajustada de acordo com os fatores subjetivos, caso estes tenham um peso relevante na dificuldade geral. Entre estes fatores estão: distância entre as proteções, periculosidade das quedas, exigência física, qualidade das proteções e da rocha, existência ou não de paradas naturais para descanso no meio das enfiadas e possibilidade de abandono do meio da via. Como é influenciado por fatores subjetivos de toda a via, o grau geral pode eventualmente ser maior do que o grau do lance mais difícil. Isto acontece, por exemplo, em escaladas de lances fáceis porém com alto grau de exposição.”

Ao mencionar a graduação, os entrevistados com mais de 15 anos de prática tinham o mesmo discurso, como o que vemos em G:

(...) naquela época (em torno de 15 anos) a graduação que a gente escalava era no máximo um 7º grau e independentemente disso eu não lembro da gente discutir a graduação. A escalada esportiva não existia no Brasil que eu me lembre.(...)

A preocupação com a graduação no Morro Anhangava, de acordo com os entrevistados, começa a tomar um grande impulso em 1985, quando foram conquistadas inúmeras vias com graduações acima de 7 grau<sup>19</sup>, e isso, de certa forma, é uma preocupação, expressada na fala de R: *“Quando eu falo com os mais novos sobre a “filosofia” do montanhismo, a história, eles falam que eu to ficando velha”*,

Tal tensão entre a ‘busca pelo desempenho’ e o ‘viver uma filosofia’ pode ser bem expressada por uma discussão de Marcuse já apontada anteriormente e que servirá para que se possa compreender de que forma o alcançar um alto desempenho na escalada pode propiciar condições para que o escalador

<sup>19</sup> Isto pode ser verificado através do Guia de escalada em rocha - Morro Anhangava de 2003, p. 96. Tal graduação é considerada de média para alta dificuldade.

“esportista” passe a se ver mais como um “montanhista” - não mais como alguém que desafia e conquista a montanha mas como alguém que se torna “parte” dela.

### **3.9 Do desempenho à “transcendência”**

A preocupação com o desempenho surge, de acordo com Marcuse, como decorrência de um impulso que não pode ser satisfeito - uma carência. Para satisfazer esta carência, é necessário muito trabalho que, por sua vez, não gratifica. A gratificação surgirá apenas depois de muito esforço e trabalho (CAMPOS, 2004).

O trabalho na escalada por si só não gratifica, pois há inúmeros fatores sacrificantes. Os equipamentos apresentam, apesar de todo o avanço, um desconforto na utilização. Os sapatos utilizados para prática são desconfortáveis, já que são, ou pesados ou de números menores (para melhor firmeza). Como se vê, não há conforto algum, entretanto, a busca pelo desempenho continua de modo incessante. O mundo moderno exige que tenhamos um desempenho avançado, ou seja, que nos tornemos ‘heróis’.

Mas, para que esta busca incessante não ameace ninguém, torna-se necessário controlar estes “fantasmas”. Partindo de Marcuse, podemos dizer que o desempenho escraviza, aliena o montanhista (esportista) e impõe determinações na sua conduta.

Por outro lado, como afirma Marcuse(1999, p, 193):

(...) a alienação progressiva aumenta o potencial de liberdade: quanto mais externo se tornar ao indivíduo o trabalho necessário, tanto menos este envolve no domínio da necessidade. Aliviada dos requisitos de dominação, a redução quantitativa de tempo e energia laborais leva a uma mudança qualitativa na existência humana: é o tempo livre, e não o tempo de trabalho que determinado conteúdo daquela. O cada vez mais amplo domínio da liberdade passa a ser, verdadeiramente, um domínio lúdico - livre jogo das faculdades individuais. Assim liberadas, estas gerarão novas formas de

realização e descobrimento do mundo, o que, por sua vez, remodelará o domínio da necessidade, a luta pela existência.

Em outras palavras, Marcuse afirma que o homem pode transcender esta busca incessante e alienadora pelo desempenho por uma busca pela felicidade.

\* \* \*

Vimos que a busca pela conquista, pelo domínio ou pela fuga, está presente na fala dos entrevistados, principalmente quando estes se referem ao início de sua história de relação com a montanha.

Entretanto, complementando este tipo de discurso, vem à tona uma visão de sua relação com a montanha hoje, que para eles é *algo mais*.

A entrevistada R. afirma que,

(...) montanhismo não é só a atividade do corpo. Há o psicológico, o montanhismo fala tudo, é uma filosofia de vida, é uma nova forma de vida, mostra valores em si, valores de vida a escalada esportiva em si na verdade ela complementa parte do montanhismo, escalada esportiva é o teu movimento nas trilhas, teu treinamento, ou seja, é uma atividade em si. **As montanhas mostram uma nova forma de ver vários valores da vida, ou seja, ela vai muito mais além.**

Alguns entrevistados relatam que a montanha é um *santuário*.

Não um santuário como sinônimo de ambiente rico em fauna e flora, mas, santuário em uma conotação religiosa.

Percebeu-se na análise do discurso que a palavra montanhismo vem carregada de outras características diferentes daquelas dadas por uma definição, digamos, mais “oficial” ou presente nos manuais de escalada.

De acordo com G.:

(...) pra mim ele não é um hobby, eu posso classificá-lo como um estilo de vida, uma forma que eu não sei como explicar, mas é algo como se não fosse eu, sabe? (...) eu sou o G o montanhista. Eu não consigo me ver o G empresário, ou o G o estudante. Eu sou a montanha, me transformei num

montanhista. A montanha passou a ser o quintal da minha casa é o lugar onde eu me sinto mais à vontade. É o lugar onde eu me sinto livre e tudo isso, todo esse aprendizado, serviu muito para a minha vida pessoal. Hoje eu considero a pessoa que eu sou hoje e o caráter que eu tenho hoje, tudo em virtude da do ambiente onde eu me criei (...)

L. já analisa que a montanha *lhe proporciona uma maior harmonia em sua vida.*

Enquanto para Di (...) *a montanha é um instrumento de educação que muda a atitude do pessoal em relação a poluição do seu ambiente em relação aos aspectos da vida natural, isto abre a mente do pessoal(...).*

Percebe-se no discurso dos entrevistados que as relações existentes com a montanha sofreram e sofrem mudanças. Analisam a sua relação com a montanha atualmente como: *A busca de ascensão espiritual acima de tudo(...); (...)* foi a salvação de uma 'roubada'; *a saudade de um santuário.*

Em suma, percebe-se que os praticantes iniciaram o convívio com as montanhas como uma fuga, necessidade de conquista ou de aproximação com a natureza, mas que, com os passar do tempo, transformaram estas relações em um elo afetivo.

Atualmente, interpretam a montanha como uma "arte de sua vida" e extremamente importante, a ponto de não poderem viver sem ela. Os entrevistados acabaram vendo a montanha como um local onde podem alcançar a felicidade tão almejada, depois de muito "sofrer".

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Devido aos movimentos de conquista e dominação, o homem afastou-se da natureza. Atualmente, muitos procuram as montanhas como forma de reaproximar-se do ambiente natural, o que não impede que tal reaproximação ameace a sobrevivência de determinadas áreas.

Por outro lado, ações provenientes de um 'outro olhar' *hermenêutico, onde o todo deve ser entendido a partir do individual, e o individual a partir do todo*

(GRÜN,2005, p.49), coloca no foco de interesse não apenas a fragmentação da natureza mas sim ela vista como um todo.

Este novo olhar tem sua origem numa busca pela felicidade, onde o homem busca realizar-se em seu trajeto, não mais fragmentado o homem quer alcançar a sua totalidade, a sua realização. Por isso busca, em muitos casos individualmente, alcançar a plena realização física e “metafísica”. Para isso, utiliza inúmeras formas de “fuga” de uma sociedade que considera (consciente ou inconscientemente) repressora, iniciando práticas que requerem ambientes longínquos e sem recursos modernos de conforto, como no caso das idas às montanhas. Para alguns, esta fuga tem ainda como finalidade a busca por uma realização através da reaproximação com a natureza.

Vimos, no decorrer do trabalho, que há um tipo de homem que retorna ao ambiente natural muitas vezes buscando fugir, ou mesmo como forma de aprender a dominar seus medos. Entretanto, parecem iniciar uma atividade sem ao menos se questionarem sobre o que estão fazendo e alienam-se do ‘por quê?’.

Mas, sem perceber, após de um determinado tempo, a montanha acaba se tornando um caminho para o autoconhecimento.

Podemos aqui citar Messner (SOLO, 1993, p. 5), quando este se refere a uma “filosofia da montanha”:

Os dias que estes homens passam nas montanhas são os dias em que realmente vivem. Quando as cabeças se limpam de teias de aranha e o sangue corre com força pelas veias. Quando os cinco sentidos cobram vitalidade e o homem completo se torna mais sensível e então já pode ouvir as vozes da natureza e ver as belezas que só estavam ao alcance dos mais ousados.

Alguns, quando iniciam esta busca, acabam sofrendo uma “ação” da natureza e esquecem seu prazer imediato, (o “princípio da realidade” de Marcuse) começando uma nova jornada pela busca de um prazer mais duradouro. Como ilustração deste “mecanismo”, podemos citar vários exemplos nos quais os montanhistas de certa forma organizam sua atividade com vistas a um benefício a longo prazo, não apenas para si mesmos como para a natureza<sup>20</sup>:

---

<sup>20</sup> Todos retirados de Ribeiro, 2004, p. 338.

- Na década de 1940, associados do Centro Excursionista Brasileiro doam à União a Fazenda Garrafão para criação do Parque Nacional da Serra dos Órgãos.

- Em 1988, escaladores de vários estados se mobilizam para proteção de um maciço de calcário contra uma empresa de mineração em Santana do Riacho, MG, levando à criação da APA Morro da Pedreira<sup>21</sup>.

- Em 2002, durante o Seminário de “Mínimo Impacto em Paredes”, foi realizado e acordado coletivamente o zoneamento dos morros da Urca, incluindo o Pão de Açúcar, definindo-se áreas de exclusão de escaladas em locais de vegetação densa ou considerados já saturados.

- A FEMERJ e outras entidades de montanhismo sediadas no Rio de Janeiro têm cooperado de forma oficial na gestão da visitação em áreas ermas nos PARNAS da Tijuca, Serra dos Órgãos e Itatiaia com vistas à troca de informações técnicas, elaboração de projetos e organização do trabalho voluntário.

Neste sentido, percebe-se que no próprio Anhangava temos a ação dos montanhistas locais (muitos dos quais entrevistados para esta pesquisa), que “esqueceram” o prazer imediato e hoje vivenciam o prazer decorrente de ações realizadas anos atrás.

Como exemplo, tem-se as medidas para a recuperação de platôs de vegetação montanhosa afetados por escaladas que, desde 1996, escaladores do Paraná vêm implementando no Morro Anhangava (atualmente parte do Parque Estadual da Serra da Baitaca); ou ainda a criação, em 1999, do “Movimento Pró-Parque Serra da Baitaca”, com vistas a uma maior proteção ambiental e segurança e do Corpo de Socorro em Montanha – COSMO, que atua junto ao PE Marumbi, oferecendo cursos em todo o país – decorrentes da mobilização dos montanhistas no Estado do Paraná (RIBEIRO, 2004, p. 338).

Diante de tudo o que foi discutido, certamente este trabalho deixa ainda várias indagações.

---

<sup>21</sup> Este movimento ainda estimulou a fundação, em 1990, da ONG “GAE” – Grupo de Ação Ecológica, que em sua história elaborou e apoiou propostas de criação de diversas unidades de conservação, formalizou e acompanhou denúncias de degradação em unidades de conservação, e coordenou projetos de re-vegetação de encostas íngremes do Rio de Janeiro junto à prefeitura local (RIBEIRO, 2004, p. 338).

Com esta pesquisa, foi possível afirmar que o montanhismo não é apenas uma “atividade na montanha”. Ele é mais do que isso na medida em que está carregado de uma grande carga de saberes filosóficos, culturais e até mesmo espirituais. Mas ainda fica a questão, o que é afinal o “montanhismo” ou a “escalada”?

E mais, a presença do homem na montanha é depredadora ou conservadora? Vimos, em muitos casos, que em seu início a prática montanhística, é depredadora. Entretanto, vimos também que, desta depredação, surgiu, se assim pode-se dizer, a conservação. Como então rotular a prática montanhística?

Estas são questões que ainda estão para ser respondidas...



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, H. R. de. **“Apresentação”**. In ARAÚJO, H. R. de. (org). *Tecnociência e Cultura: ensaios sobre o tempo presente*. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 1998

ALMEIDA, Aires. **Filosofia e ciências da natureza: alguns elementos históricos**. Disponível em: <<http://www.cfh.ufsc.br/~wfil/aires.htm>> Acesso em: 3 nov. 2005.

AVELAR, Luis. **Dicionário de montanha e escalada**. Disponível em: <[http://luis-avelar.planetaclix.pt/dicionario/dicio\\_a.htm](http://luis-avelar.planetaclix.pt/dicionario/dicio_a.htm)>. Acesso em 26 de novembro de 2004.

BUGIN, Pedro. **“O montanhismo no Brasil: primórdios**. Disponível em: <[http://ceb.acanet.com.br/ceb/História/Primordios\\_Brasil.htm](http://ceb.acanet.com.br/ceb/História/Primordios_Brasil.htm)> Acesso em: 26 nov. 2005.

CAMPOS, Maria T. C. de; **“Marcuse: realidade e utopia”**. 1. ed. São Paulo - SP; Annablume editora. Comunicação, 2004.

CAPRA, Fritjof. **Ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente**. Edição 18. São Paulo: Cultrix Ltda. 1982.

CHASSOT, Attico. **A ciência através dos tempos**. 5.ed. São Paulo: Moderna, 1994.

COULON, Olga M. A. F. PEDRO, Fábio C.. **O marxismo: a concepção materialista da história**. Disponível em:<<http://www.hystoria.hpg.ig.com.br/marx2.html>> Acesso em: 23 nov. 2005.

CUNHA, Gustavo. **Resumo de Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud (Marcuse, Herbert)**. Disponível em:<[http://www.abordo.com.br/sat/res01\\_gus.htm](http://www.abordo.com.br/sat/res01_gus.htm)>. Acesso em: 20 set. 2005.

DORIA, Francisco A. Marcuse: vida e obra. 2. ed. Rio de Janeiro: José Álvaro, Editor S.S. / Paz e Terra, 1974.

FRANZEN-JR, Ronaldo. **Graduação parte: escalada esportiva**. Revista Solo - Esportes de montanha. p.38 mar./abr. Curitiba: Editora Solo Ltda, 1993.

GRÜN, Mauro. **Ética e educação Ambiental: a conexão necessária**. 7. ed. Campinas: Papirus, 1996.

\_\_\_\_\_. **“O conceito de holismo em ética e em educação ambiental”**. In SATO, Michele; CARVAHO, Isabel (org). Educação Ambiental - pesquisa e desafios. Porto Alegre - RS: Artmed Editora S.A., 2005.

HABITZREUTER, Rubens R. **A conquista da Serra do Mar**. Curitiba: Pinha Ltda, 2000.

HAMLIN, D. W.; **“Uma História da Filosofia Ocidental”**; tradução de Ruy Jungmann, Disponível em: <[http://geocities.yahoo.com.br/mcrost09/uma\\_historia\\_da\\_filosofia\\_ocidental\\_15.htm](http://geocities.yahoo.com.br/mcrost09/uma_historia_da_filosofia_ocidental_15.htm)> Acesso em: 14 nov. 2005.

HAUCK, PEDRO. **“Um pouco de História (sobre montanhista é claro)”**. Disponível em: <[http://www.gente\\_de\\_montanha.com/outrosartigos\\_historia.html#topo](http://www.gente_de_montanha.com/outrosartigos_historia.html#topo)>. Capturado em 18 de novembro de 2004.

HEEMANN, Ademar; HEEMANN, Nara; **“Natureza e percepção de valores”**. Desenvolvimento e Meio Ambiente. p.113-116 jan./jun. Curitiba-PR. Editora UFPR, 2003.

JOLIS, Agustín; JOLIS Maria A. S. de; Faus Agustín; **“Espíritu y técnica de la montaña”**. Colección Herakles. Barcelona-Espanha. Editorial Hispano Europea, 1974.

KRAKAUER, Jon. **“Sobre Homens e Montanhas”**. 2a edição. São Paulo-SP: Companhia das Letras. 2002.

MARCUSE, Herbert . **“Eros e Civilização”**. 7a edição. Campinas-SP: Editora Papirus. 1999.

MACFARLANE, Robert. **“Montanhas da Mente - história de um fascínio”** 1a edição. Rio de Janeiro- RJ: Editora Objetiva. 2005.

NETO, D. Z; FRANZEN R. **Morro Anhangava: Histórico local**. Curitiba: Editora Marumby, 2003

NOBRE, Marcos. **“DVD-R - Fundadores do pensamento - o marxismo da teoria crítica Civilização”**. São Paulo - SP: 2005 DVD (56 min), color.

REVISTA SOLO- ESPORTES DE MONTANHA. Curitiba: Editora Solo Ltda, n 0 - 1993, p. 5

RIBEIRO K.; LORENZETTO A.; RODRIGUES C. **Bases para o Manejo de Escaladas em Unidades de Conservação**. In: **Fundação o Boticário de Proteção à Natureza, Rede Nacional Pró - Unidades de Conservação**. IV Congresso Brasileiro de Unidades de Conservação (Anais Vol 1). pp 335 – 345, Curitiba: 2004.

RIO DE JANEIRO. Federação de Esportes de Montanha do Estado do Rio de Janeiro. **“Sistema Brasileiro De Graduação De Escaladas - Uma Proposta De Atualização”**. Disponível em :<<http://www.femerj.org>> Capturado em 01 de maio de 2003.

ROUÉ, Marie. **“Novas Perspectivas em etnoecologia: ‘saberes tradicionais’ e gestão dos recursos naturais”**. . In: PINTON, Florence e CASTRO, Edna (org); **“FACES DO TRÓPICO ÚMIDO - conceitos e questões sobre desenvolvimento e meio ambiente”**. Belém - PA. Editora cejup

SPARANO, Maria C.de T.. **“Um comentário sobre a temática Marcuseana no Interior da Escola de Frankfurt”**. Publicações da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em: <[http://www2.uerj.br/~direito/publicacoes/maisartigos/tematica\\_marcuseana.html](http://www2.uerj.br/~direito/publicacoes/maisartigos/tematica_marcuseana.html)> Acesso em: 20 set. 2005.

SPERANDEO, Eduardo J; (editor chefe) **“oradical.com.br”**. Disponível em <<http://www2.uol.com.br/oradical.shtml>> Capturado em 23 de dezembro de 2005.

STRUMINSKI, Edson; **“A ética no montanhismo”**. Desenvolvimento e Meio Ambiente. Diálogos de saberes e percepção ambiental. UFPR/Curitiba, p.125-134, 2003.

\_\_\_\_\_. Lorenzetto, Alexandre. **“Perfil Sociológico do escalador paranaense”**. Temas de Gaia. Revista de divulgação científica e Cultural do Instituto Gaia Brasil. Curitiba-PR,v-1, p.1-22, 1997.

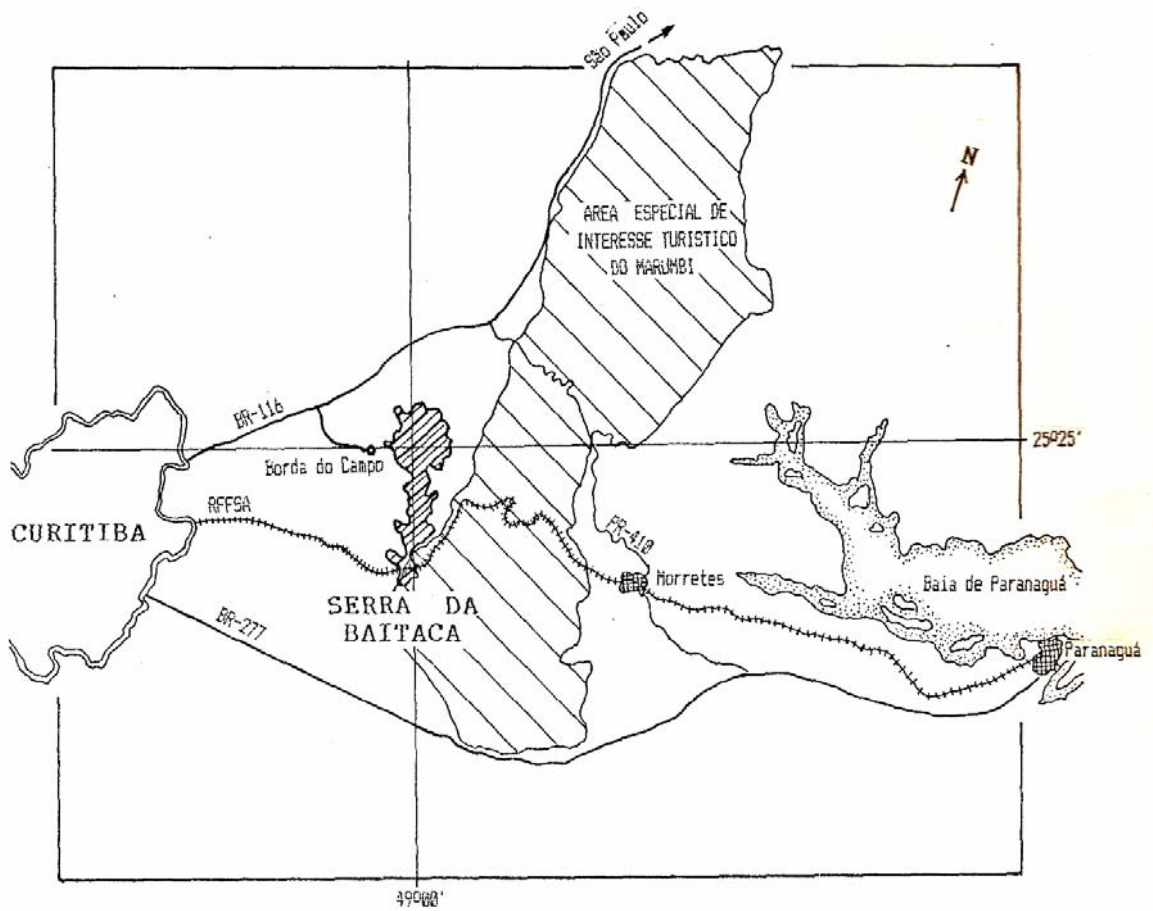
\_\_\_\_\_. **“Um manejo ‘sui generis’ para a Serra do Mar”**. Revista Paranaense de geografia, no 5. Curitiba-PR, p.20-30, 2000.

\_\_\_\_\_. **“Serra da Baitaca - Caracterização e proposta de manejo (relatório de pesquisa)”**. Monografia. Fundação O Boticário de proteção a natureza - Curitiba, 1992.

ZAMPIERON S. L. M.; VIEIRA J. L. de A. **“Poluição da Água”**. Disponível em: [http://educar.sc.usp.br/biologia/textos/m\\_a\\_txt5.html](http://educar.sc.usp.br/biologia/textos/m_a_txt5.html). Capturado em 30 de outubro de 2004.

## ANEXOS

## Anexo 1: Acesso à Serra da Baitaca



Fonte: STRUMINSKI, 1992, p. 11

**Anexo 2: Morro Anhangava (Quatro Barras)**



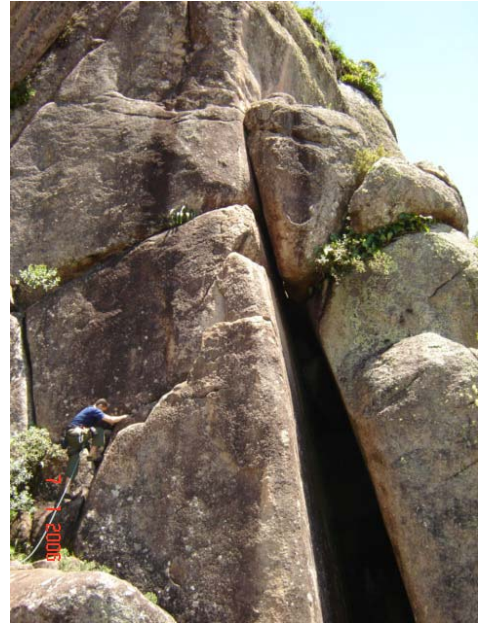
Local: Final da rua Anhangava - Borda do Campo

Foto: Hebert Hiroshi Sato

### Anexo 3: Fotos das primeiras rotas (vias) conquistadas realizadas no Morro Anhangava



Rota de ascensão(via) Escoteiros  
Foto: Hebert Hiroshi Sato



Rota de ascensão(via) Andorinhas  
Foto: Hebert Hiroshi Sato



Rota de ascensão(via) fenda da caverna  
Foto: Hebert Hiroshi Sato

**Anexo 4: Entaladores e friends**



*Nut*

Foto: Hebert Hiroshi Sato



*Excentric's*

Foto: Hebert Hiroshi Sato



*Camelot*

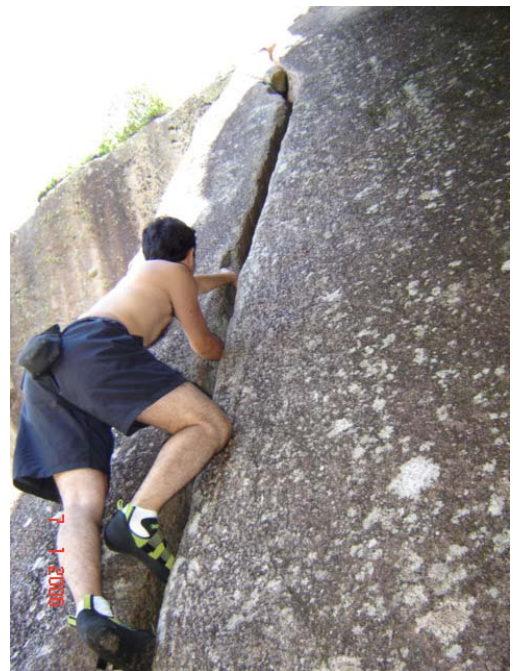
Foto: Hebert Hiroshi Sato



**Anexo 5 : Tipos de escaladas realizadas no Anhangava**



Escalada com proteção móvel  
Foto: Hebert Hiroshi Sato



Escalada em solo  
Foto: Hebert Hiroshi Sato



Escalada de Bolder  
Foto: Hebert Hiroshi Sato



Conquista de uma nova rota  
Foto: Hebert Hiroshi Sato

## Anexo 6: Tipos de Grampeação



Chapeleta Foto: Hebert Hiroshi Sato



Grampo Foto: Hebert Hiroshi Sato